

Editorial

Paulo Jorge Ribeiro

Doutor em Ciências Sociais pelo PPCIS-UERJ, professor do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio e Assessor Especial do ISP

Parte da literatura

a respeito da violência e da segurança pública no Brasil se consolidou no interesse e controle sobre as dinâmicas que envolvem a entrada dos jovens nas diversas redes criminosas. A bibliografia produzida na cidade, de cunho antropológico, oriunda dos anos 80 do século passado, trouxe consigo uma inovação temática e investigativa que está longe de ser ultrapassada.

Mas parece exequível observar que, dando continuidade aos desenvolvimentos percebidos nessas sondagens interpretativas, somente nos últimos anos (raros e sensíveis) pesquisadores, gestores públicos e membros da sociedade civil começam a ser confrontados pela *mão dupla* desses processos. Ou seja, têm necessidade de elaborar os imperativos, desafios e obstáculos enfrentados por esses mesmos jovens quando desejam romper com as redes criminosas nas quais se inseriram por determinadas etapas de suas existências. Compreender esses processos e as matizes que os completam parece ser um desafio não somente acadêmico, mas também das políticas públicas de segurança e juventude.

Esse número da Revista *Cadernos de Segurança Pública* visa a discutir, assim, como se constroem os desafios que se cruzam às políticas de prevenção da violência em diferentes contextos e cenários. Dois dos artigos aqui apresentados pretendem entrar nessa seara – ainda que, coincidentemente, ambos explorem o mesmo projeto social para suas análises, o *Soldados Nunca Mais*, criado pelo IBISS, o que também pode ser visto como um sintoma da própria escassez de iniciativas que almejem enfrentar esses desconhecidos campos de investigação e de intervenção social no Brasil.

De “bandit” à “travailler”? Une réflexion sur l’insertion professionnelle d’extra-fraqueurs de drogue, de Silvia Naidim, e *Respect as Answer to Crime: A study of the prevention of youth crime in the favelas of Rio de Janeiro*, de Floortje van Soest, são trabalhos de cunho etnográfico em duas favelas do Rio de Janeiro que analisam alguns dos desafios enfrentados por jovens em busca de uma trajetória diferencial. À originalidade dessas contribuições vem se somar a magnífica tese de doutoramento de Luiz Fernando Almeida Pereira, *Meninos e lobos. Trajetórias de saída do tráfico na cidade do Rio de Janeiro* (Tese de doutorado, Instituto de Medicina Social, IMS/UERJ, 2008), em que o pesquisador também enfrenta a questão da extração do *negócio do crime*; mas não com jovens, e sim no universo de criminosos *formados* que cumpriram pena e que buscavam desvincular-se do tráfico e partiam em busca de novos (e escassos) caminhos societários.

Naidim acompanhou em seu trabalho de campo – originalmente produzido para sua dissertação de Mestrado na EHESS, de Paris – alguns jovens do SNM instalados na Vila Cruzeiro, dentro do Complexo da Penha. O seu artigo procurou acompanhar como as trajetórias do tráfico e do trabalho se

intercruzavam em vários momentos do cotidiano daqueles jovens, impondo desafios a eles e, prioritariamente, às políticas públicas cujo foco seja compreender as demandas desses indivíduos novamente expostos à invisibilidade do mundo social, fundamentalmente do trabalho.

Já o texto de Floortje van Soest, baseado em sua experiência em Furquim Mendes, no Jardim América, teve como base também sua dissertação de Mestrado, mas na Universiteit Utrecht, na Holanda. A pesquisadora desenhou seu campo de observação por outra perspectiva, a saber, das interações produzidas pelos jovens do SNM nas atividades criativas por eles produzidas e que participavam, como os bailes funk e movimento hip-hop. A cultura desses jovens e de seus modos de pertencimento ao mundo social da favela são, aqui, a categoria central de análise.

Um outro artigo desse número também acompanha a matriz antropológica dos textos apresentados acima: *A violência filial no Japão: quando os adolescentes se tornam perigosos em casa*, de Hilda Maria Gaspar Pereira. O artigo de abertura desse número dos *Cadernos de Segurança Pública* percorre um cenário totalmente diverso dos apresentados anteriormente ao abordar uma das mais influentes e autocontroladas sociedades do Oriente – acompanhando aqui o argumento do clássico trabalho de Ruth Benedict, *The Chrysanthemum and the Sword: Patterns of Japanese Culture*, de 1946. Em instigante artigo, Gaspar Pereira observa as relações de gênero daquela sociedade ao nos conduzir em um diacrítico quadro histórico-cultural em que o aumento da violência filial é acompanhado pela vitimização das mães, fenômeno incentivado pela extrema competitividade e pressão a que os jovens japoneses são submetidos em prol do sucesso escolar.

Retornando às plagas do Rio de Janeiro, os artigos de Marcello Provenza e Andréa Ana do Nascimento têm como enfoque duas modelagens das políticas de segurança pública, em duas dimensões distintas: uma quantitativa e outra qualitativa.

O trabalho de Andréa Ana do Nascimento, por sua vez, estuda como algumas delegacias especializadas no estado do Rio de Janeiro constroem suas investigações: não sobre o saber específico, formal e especializado das instituições mas, diversamente, sobre os saberes latentes, informais e práticos – e consequentemente privados – dos atores. Aqui uma sinalização clara de como a informação policial pode ser compreendida, em determinados casos, como um saber privado, já que o controle de determinadas informações aumenta o poder dos atores em relação à escassez de informações da instituição.

Já o de Marcello Provenza, que encerra este número da *Cadernos de Segurança Pública*, analisa, a partir de dados provenientes do ISP, como se desenham os roubos a transeunte na capital, tendo especial atenção em sua área central. O autor, percorrendo o intervalo de 2005 a 2009, estuda os microdados dos registros de roubos a transeuntes em relação à sua distribuição temporal, perfil das vítimas e bairro de ocorrência do fato. Ao apresentar, na conclusão, um cruzamento das variáveis temporais com o perfil dos lesados, visa a contribuir para a discussão a respeito de algumas possibilidades de modelos de controle e policiamento do espaço urbano da cidade, já que apresenta as figuras espaço-temporais que tipificam essas ocorrências criminosas.